UM MODELO DE USO E CIRCULAÇÃO HUMANA NA REGIÃO DA SERRA DE SANTANA, RIO GRANDE DO NORTE: UM EXERCÍCIO DE ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM

POR WALTER MORALES[1] E FLAVIA MOI[2]

Resumo

Esse artigo apresenta um modelo de uso e ocupação do espaço para a região de Serra de Santana, Rio Grande do Norte. Para tanto, emprega o arcabouço teórico-metodológico da Arqueologia da Paisagem, com o objetivo final de traçar antigos caminhos, rotas de passagem, pontos de parada e marcos na paisagem que teriam sido utilizados desde tempos ancestrais pelas diversas populações que habitaram essa região ao longo dos séculos

Palavras chave: Arqueologia, Arqueologia da Paisagem, Arqueologia Regional, Arte Rupestre, Padrões de Assentamento, Serra de Santana.

Introdução

As análises, hipóteses e modelos aqui apresentados estão baseados na Arqueologia da Paisagem, perspectiva que procura detectar e entender as variadas ocupações existentes em uma dada região por intermédio da análise dos vestígios arqueológicos e sua distribuição na paisagem regional. Essas variáveis são as referências básicas para identificar e apontar algumas características dos sistemas socioculturais que configuram a ocupação de uma determinada região ao longo do tempo.

Essa possibilidade de conexão entre vestígios arqueológicos e a implantação na paisagem faz com que a Região Arqueológica de Santana e seu entorno tenha especial interesse, já que os estudos desenvolvidos nesse trecho nos últimos anos, identificaram mais de uma centena de sítios arqueológicos de diferentes procedências culturais e épocas (Laroche 1983, Robrahn-González, Morales & Nascimento 2004a e 2004b, Robrahn-González, Sousa Neto & Morales 2005, Santos Junior 2005, Sousa Neto & Bertrand 2005, Santos Junior, Porpino & SIva 2007,

[1] Arqueólogo e Cientista Social (FFCLH/USP), com Mestrado e Doutorado em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Bahia (NEPAB/UESC).

[2] Etno-arqueóloga e Cientista Social (FFCH/USP), Mestre em Arqueologia (MAE/USP) e Doutoranda em Ambiente e Sociedade pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPAM/Unicamp). Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Bahia (NEPAB/UESC).

Morales, Sousa Neto & Viva 2007).

Esses assentamentos – sítios líticos, cerâmicos, históricos e abrigos e lajedos com grafismos rupestres – estão associados aos diferentes horizontes de ocupação humana que ali ocorreram nos permitiram avançar nos estudos sobre Arqueologia da Paisagem e formular um modelo de uso e circulação dessa região, que apresentamos a seguir.

Arcabouço teórico-metodológico

A perspectiva teórica fundamental é que a Arqueologia é uma Ciência Social e que, por meio dos vestígios materiais recuperados, considerados como vetores de informação, é possível inferir os comportamentos humanos e as características socioculturais dos grupos que os produziram (Binford 1983 e Renfrew & Bahn 1996). Assim, devem ser analisadas todas as informações disponíveis, que podem estar representadas por apenas um artefato ou por um conjunto de sítios arqueológicos (Hodder e Orton 1990).

Procedendo dessa maneira a análise recai mais sobre as possibilidades de articulação espacial e funcional dos sítios em âmbito local e regional (Dincauze 2000). Além dos diversos atributos observados habitualmente nos vestígios arqueológicos, neste tipo de análise é dada ênfase à maneira como eles se dispõem no espaço, evidenciando características de territorialidade, organização e interação socioeconômicas (Gorenflo & Gale 1990).

Procura-se entender cultura/sociedade – constituídas das inter-relações entre as comunidades humanas e o ambiente –, quando a análise do uso do espaço assume importância fundamental (Binford 1982). Somada às características das atividades e processos em que as tecnologias estiveram envolvidas para a captação de recursos, a análise do uso do espaço leva a inferências sobre as estratégias de subsistência adotadas pelas sociedades e sobre a razão da escolha dessas estratégias dentro de um número finito de opções (Billman & Feinman 1999).

Dentro desse enfoque a abordagem da Arqueologia Regional apresenta-se como uma das mais interessantes para tratar dessas evidências arqueológicas (Morales 2005). Ela foi conceitualmente definida por Willey (1953), como "padrões de assentamento", aprimorada por Winters (1968) para "sistemas de assentamento" e posteriormente difundida por pesquisadores que buscaram aproximar a relação

existente entre natureza, tecnologia e sistema social (Chang 1972).

A questão central passou a ser a distribuição dos sítios arqueológicos na paisagem, ou seja, sua análise espacial (Clarke 1977, Johnson 1977, Hodder & Orton 1990), que é um reflexo direto das formas de interação dos assentamentos humanos com o seu ambiente circundante e dos padrões de articulação entre eles. Por meio deles é possível entender os processos relacionados à estruturação sociocultural das sociedades humanas que um dia ocuparam um determinado lugar. Essa perspectiva e todos os seus desdobramentos posteriores fizeram com que os sítios arqueológicos deixassem de ser vistos como um fim em si mesmo e passassem a serem incluídos em uma rede articulada de significados, onde cada assentamento tem um papel complementar dentro de um sistema maior (Kroll & Price 1991).

De acordo com essa abordagem os sítios identificados são inseridos no espaço maior de que fazem parte por meio do exame das interações do homem com seu ambiente imediato, quando uma das referências iniciais é o contexto tecnológico e sua implantação. Em seguida poder-se-á proceder à interpretação da implantação dos sítios em função dos elementos naturais e simbólicos que podem estar definindo seu posicionamento na paisagem, tais como o relevo, visibilidade das áreas de entorno, fontes d' água perene, fontes de matéria-prima, a formação vegetal, facilidade de acesso ou a presença de abrigos rochosos (Morales 2005).

Para esses estudos são utilizados como referência alguns dos métodos e discussões propostas inicialmente por Plog & Hill (1971) e Flannery (1976) sobre a análise da distribuição espacial em relação as variáveis ambientais. A articulação de cada sítio em relação ao conjunto de sítios localizados deve ser feita por meio da semelhança dos atributos e pela articulação espacial existente entre eles. Busca-se dessa forma inferir padrões de distribuição e localização dos sítios em relação aos compartimentos da paisagem para, a partir daí, caracterizar e organizar as unidades que fazem parte do sistema de assentamento (Gummerman 1971 e Hodder & Orton 1990).

Ainda que este nível de análise dos dados esteja voltado à compreensão das necessidades de subsistência e aos aspectos econômicos, a presente análise sobre a região de Santana agrega fatores simbólicos e cognitivos na forma de ocupar o espaço, abordagem que tem sido intensamente aplicada nos dias atuais pela Arqueologia da Paisagem (Thomas 2001). Esse tipo de abordagem pressupõe uma percepção diferenciada sobre o meio ambiente ao ponderar que a paisagem não é um

simples recorte do meio ambiente natural. Ela deve ser vista antes de tudo como um fenômeno cultural. A paisagem é então percebida como um produto cultural e histórico de um dado grupo sobre a qual existe uma rede de interações e todo um universo de elementos que são transmitidos de geração a geração (Morales 2005).

Diante de tal abordagem, onde entra em cena a "paisagem social", a visão da paisagem é cultural e compartilhada pelos grupos sociais que a utilizam (Toren 1995). Ela é composta por locais que estão relacionados no espaço e no tempo por um sistema de atividades (Rossignol & Wandsnider 1992). A área de pesquisa, palco para atores diversos, passa a ser percebida como um local cuja utilização vai além da necessidade de sobrevivência, como área de assentamento, captação de recursos e expressão simbólica, exibindo múltiplas possibilidades de utilização e, conseqüentemente, de interpretação (Hodder 1986).

No Brasil, o enfoque da Arqueologia da Paisagem vem sendo utilizado em vários projetos de pesquisa e discutido dentro do ambiente acadêmico de forma bastante positiva nos últimos anos.

A Serra de Santana como um marco na paisagem

O ponto de partida para nossas análises regionais é considerar a Serra de Santana uma barreira para aqueles povos e sociedades que transitaram por essa região ao longo do tempo. Seu posicionamento sentido leste-oeste fez dessa serra um obstáculo natural de difícil transposição desde tempos pretéritos. Ela não pode ser transposta em qualquer trecho e sua travessia está restrita a alguns locais mais acessíveis existentes nos escarpados alcantilados ou nos fundos de vale mais abertos que foram erodidos pela força das águas e que hoje são ocupados por cursos de água intermitentes.

Acreditamos que para aqueles que circulavam pela região desde tempos mais recuados[3], partindo, por exemplo, de onde nos dias de hoje é Currais Novos, rumo Açu, Santana de Matos ou Lajes, as opções seriam pouco numerosas. Para atingir Açu,

---

[3] Toponímia constante nas Folhas de Açu (escala 1:100.000) SB 24-L-III, de Pedro Avelino (escala 1:100.000) SB.24-L-IV, Currais Novos (escala 1:100.000) SB.24-R-I e Cerro Cora (escala 1:100.000) SB.24-R-II, para a porção Central do Estado do Rio Grande do Norte, na região Nordeste Oriental do Brasil.

essas pessoas – quer sejam em grupos sociais, a pé ou em lombo de muares e eqüinos – teriam que passar entre as serras da Siriema e Preta, prosseguindo por um largo trecho plano, tomando rumo oeste e cruzando pequenos córregos intermitentes de fundo arenoso, passando ao largo do ponto onde hoje está a vila de São Vicente, até atingir a bacia do rio Quiproró. Nesse ponto, teriam a escarpada serra de Santana pelo lado direito e, bem mais ao longe, poderiam avistar a serra da Formiga. Mas para chegar ao seu destino – Açu – teriam que percorrer um largo trecho entre a serra da Garganta e a do Tapuio, cruzando por onde hoje está situada a cidade de Florânia. Após esse desfiladeiro em cuja base está Florânia, atingiriam uma área bem mais aberta e plana que levaria direto até Açu.

LEGENDA: ÁREAS PLANAS E ABERTAS NO ENTORNO DA SERRA DE SANTANA EM SANTANA DO MATOS

Contudo, caso a opção fosse um caminho mais curto até a citada Açu, bastaria seguir a visada dos pequenos e áridos serrotes Pindoba e Branca que se destacam no terreno nessa direção. Caso preferissem acompanhar um curso de água de maior porte, deveriam rumar à esquerda e caminhar por cerca de 20km até chegar às barrancas da margem direita do rio Piranhas-Açu. A partir daí, seguiriam à jusante, superando pequenas e sucessivas barras dos córregos, até chegar ao local onde hoje está implantada a cidade de Açu.

Por outro lado, para se alcançar Angico a tarefa seria pouco mais árdua. O caminho mais curto seria seguir em frente subindo as encostas da serra de Santana pelas pequenas e sinuosas trilhas. Após superar as encostas cascalhentas repletas de blocos soltos que dificultam o caminhar, atingiriam a parte mais alta, plana e de visibilidade ímpar. Do topo plano, quase uma meseta, pode-se avistar dezenas de quilômetros nas direções sul e norte. Todos os pontos da paisagem que entendemos como "marcos na paisagem" com significados tanto simbólicos quanto de georeferenciamento, podem ser vistos em todo o seu esplendor: a ponta do morro do Cabuji, o Mirante, a garganta de São José da Passagem, a serra do Cruzeiro, do Cuité e as bacias do rio Cachoeira e do rio Piranhas-Açu. Além, é claro, dos serrotes de menor porte e dos pequenos matacões espalhados por todos os lados, todos férteis em inscrições rupestres.

Após esses momentos de contemplação, o viajante teria que descer novamente as encostas da serra de Santana, só que agora em sua face norte, seguindo quase em linha reta até Angico, distante não mais do que 50km. Nesse trajeto os obstáculos seriam poucos e facilmente superáveis. Se estivessem na época das chuvas, os rios, apesar de rápidos em vários trechos, são rasos. Se fosse um período de estiagem, somente teríamos seus leitos secos e arenosos. Nesse trajeto em linha reta passariam exatamente entre duas serras: a do Cajarana e do Gado.

Por fim, o último destino. Se o caminho a seguir fosse a região onde está a cidade de Lajes, sempre partindo de Currais Novos, o trecho seria um caminho onde há uma baixa visibilidade das áreas de entorno em vários momentos. Esse traçado oferece longas caminhadas em áreas planas, cercadas por encostas escarpadas, íngremes. Vales encaixados se sucedem, que no começo e no final do dia, podem bloquear parte da luz do sol.

Partindo de Currais Novos as opções seriam duas. A mais curta margearia a vertente esquerda da serra do Cruzeiro até chegar ao local conhecido como Pé do Morro. Daí é possível seguir por pequenas trilhas até a área plana no topo da serra de Santana e, um pouco depois, passando por onde hoje está Cerro Corá. De Cerro Corá até Lajes a serra do Feiticeiro acompanha esse trajeto por largos trechos pelo seu lado esquerdo, impedindo qualquer descaminho até o final do trajeto onde está Lajes. Nesse trecho final, à esquerda, se destaca na paisagem o morro Cabuji. Vale destacar que no meio desse trajeto, após a serra da Macambira e antes da do Cirino, pode-se seguir entre vales pela garganta que dá acesso a São José da Passagem e, a partir daí, até as áreas planas que permitem alcançar a bacia do rio Piranhas-Açu.

LEGENDA: LADO SUL DA SERRA DE SANTANA SENTIDO A PARAÍBA

A Arqueologia da Paisagem: um modelo de uso e circulação humana

O reconhecimento extensivo efetuado em largos trecho da serra de Santana, da bacia do rio Piranhas-Açu e territórios dos municípios de Açu, Santana do Matos, Lajes, Cerro Cora, Angicos e Currais Novos, somado àquelas informações obtidas nas pesquisas já realizadas ou em andamento nessa região (Laroche 1983, Robrahn-Gonzáles, Morales & Nascimento 2004a e 2004b, Robrahn-González, Sousa Neto &

Morales 2005, Santos Junior 2005, Sousa Neto & Bertrand 2005, Santos Junior, Porpino & Silva 2007, Morales, Sousa Neto & Viva 2007), permitiu elaborar um modelo bastante consistente sobre uso e circulação desse território e que pode servir como um modelo preditivo a ser testado em futuras pesquisas.

Esse modelo, alicerçado em aspectos paisagísticos, ambientais e topográficos, alguns dos quais descritos no tópico anterior, teve como ponto central a serra de Santana e incorporou os vários cenários presentes ao seu redor, dentre os quais o morro do Cabuji, o Mirante, a garganta de São José da Passagem e da região de Florânia e a bacia do rio Cachoeira. Acreditamos que essas formações, diante de especificidades apresentadas no transcorrer do texto, fizeram parte do universo simbólico e cultural dos povos que ali viveram e influenciaram diretamente na implantação dos sítios arqueológicos já identificados.

Essas análises permitiram elaborar uma hipótese de que a região onde está o povoado de São José da Passagem representa um ponto de convergência e atração, desde tempos pré-coloniais, para aqueles que utilizaram essa região como área de passagem ou território de circulação. Por estarem localizadas entre a serra do Macambira e a do Saco do Tigre, as áreas de entorno de São José da Passagem seriam utilizadas como um local para descanso, ponto de encontro ou reunião onde seriam desenvolvidas as mais diversas atividades sociais, simbólicas ou econômicas. O motivo para que esse local tenha sido ou servido como um ponto de atração de pessoas e grupos sociais é que ali existe uma falha natural no relevo que possibilita cruzar facilmente as elevadas escarpas das serras ali presentes.

Esse trecho teria servido como passagem para aqueles que vêm margeando, desde as bandas de Florânia, toda a encosta norte da serra de Santana com o objetivo de chegar onde é hoje a cidade de Lajes. O *canyon* do vale de São José da Passagem também foi utilizado por aqueles que vinham das terras que hoje fazem parte do estado da Paraíba. Para os oriundos do lado sul, cortando a serra de Santana em seu sentido sul\norte, esse seria um excelente caminho para ser percorrido rumo a locais conhecidos nos dias de hoje como as cidades de Lajes, Angicos ou Açu.

Outra hipótese que levantamos é que o leito do rio Cachoeira teria servido como uma espécie de baliza do caminho a seguir para aqueles que circulavam (indo ou vindo) das parcelas de relevo mais acidentado representado pela serra de Santana ou seus prolongamentos, em direção ao rio Piranhas-Açu. Ou seja, dentro do modelo de uso e circulação que estamos propondo teríamos um caminho natural com início na barra

do rio Piranhas-Açu e rio Cachoeira até a região de São José da Passagem. Esse caminho que margearia o rio Cachoeira, foi utilizado por grande parte daqueles que circulavam pela região com o objetivo final de chegar à região do Saquinho. Esse local, não por acaso, é uma área conhecida pela quantidade e qualidade dos grafismos rupestres (Santos Junior 2005). As pesquisas realizadas por Morales, Sousa Neto & Viva (2007) revelaram que, nesse trecho de aproximadamente 50km, entrecortado por pequenas elevações em forma de meia laranja, morros testemunhos de contorno mais irregulares e afloramentos de matacões, junto às barrancas da margem direita e esquerda do rio Cachoeira estariam os vestígios arqueológicos que testemunham os pequenos acampamentos daqueles que cruzavam o trecho. Os vestígios seriam mais fugazes, expeditos, característicos mais de atividades pontuais e não tanto de uma permanência mais demorada ou de uma gama de atividades mais diversificada e completa.

LEGENDA: SERRAS NA REGIÃO DO SAQUINHO SANTANA DO MATOS

O adensamento de painéis rupestres na região do Saquinho somente reforça essa hipótese sobre a circulação humana na região, seus pontos de parada e áreas de encontro. As pessoas paravam para descansarem, recuperarem as forças ou se reunirem nesse local de passagem natural por entre as serras e elevações. Teríamos aí um local de encontro, uma área de atração, que servia como um marco na paisagem e que ainda é utilizada nos dias de hoje. Ali encontros seriam marcados e teríamos pessoas à espera. Um reflexo dessa permanência maior estaria na cultura material identificada nesse local, que ao exibir uma maior quantidade de artefatos e

todas as etapas de uma cadeia operatória de lascamento indicaria uma permanência mais duradoura (Morales, Sousa Neto & Viva 2007).

Corroborando esse modelo de uso e ocupação do espaço está a quantidade significativa de grafismos rupestres identificados nas pesquisas de Santos Junior (2005). Mas essa circulação de pessoas e mercadorias não estaria restrita apenas ao período pré-colonial. A região teria sido utilizada em larga escala também no período histórico. O povoado de São José da Passagem, implantado na porta da garganta, corrobora essa última assertiva (Morales & Moi 2007).

LEGENDA: GARGANTA EM SÃO JOSÉ DA PASSAGEM

Considerações finais: um modelo preditivo de uso e organização do espaço

Os dados e premissas expostos nas páginas anteriores permitem esboçar um modelo preditivo preocupado em identificar áreas com adensamento de sítios arqueológicos de forma a articular interpretações regionais de alcance mais amplo.

A partir dos pressupostos da Arqueologia da Paisagem utilizados nessa pesquisa e aplicados ao conhecimento e às informações levantadas por pesquisas anteriores (Laroche 1983, Robrahn-Gonzáles, Morales & Nascimento 2004a e 2004b, Robrahn-González, Sousa Neto & Morales 2005, Santos Junior 2005, Sousa Neto & Bertrand 2005, Santos Junior, Porpino & Silva 2007, Morales, Sousa Neto & Viva 2007), pode-se perceber um adensamento de sítios rupestres e a céu-aberto na área de passagem natural que existe entre as serras da região do povoado de São José da Passagem. O

motivo para que esse local tenha sido ou servido como um ponto de atração de pessoas e grupos sociais é que ali o relevo apresenta uma falha natural que possibilita cruzar facilmente as elevadas escarpas das serras existentes.

Diante dessas informações, propomos um modelo de uso e ocupação do espaço focado em predizer outras áreas com características semelhantes e que também possam ser locais de passagem e pontos preferenciais de parada, descanso e reunião dos grupos sociais que utilizaram essa região ao longo dos séculos.

Esses novos trechos com características semelhantes à garganta de São José da Passagem também teriam propiciado adensamentos de sítios rupestres e líticos a céu aberto semelhantes àqueles do Saquinho, que permitiriam determinar vários dos horizontes de ocupação dessa região.

Assim, nosso modelo propõe cinco áreas como pontos potenciais para com significativa variabilidade, quantidade e importância de vestígios arqueológicos:

Área 1: As duas áreas de passagem existentes entre as serras da Garganta e a da Velha, no curso superior do riacho Saco Grande e do rio da Garganta. Essa área seria de grande importância para aqueles que seguiam *da* ou *para* a bacia do rio Piranhas-Açu.

Área 2: A região de entorno da garganta que há entre a cidade de Florânia e a serra Pintada e do Cajueiro.

Área 3: A região que segue entre a serra Vermelha e a serra do Verde. Vale a ressalva do alto potencial arqueológico propiciado pelas características de "corredor inter-vales" por onde segue o córrego Riachão.

Área 4: Temos aqui um trecho de menor expressão, situado entre a serra do Ronca e a Serra da Gameleira por onde passam os riachos da Gameleira e Jacu.

Área 5: Entre a serra do Espinheiro e a Oiticica e junto ao córrego Pedra Preta.

Por outro lado, teríamos trechos onde a quantidade e a variedade dos vestígios arqueológicos em sítios a céu aberto seria bem menor. Dentro do nosso do modelo de uso e circulação, haveria um caminho natural com início na barra do rio Piranhas-Açu e rio Cachoeira que seguiria até a região de São José da Passagem. Esse caminho, que margearia o rio Cachoeira, teria sido utilizado por grande parte daquelas populações que percorreram essa região com o objetivo final de chegar às áreas do

Saquinho e São José da Passagem. Acreditamos que os vestígios líticos presentes nesse trajeto correspondem a assentamentos mais tênues, expeditos, com uma gama menor de artefatos, espécies de acampamentos provisórios e de atividades pontuais (Morales, Sousa Neto & Viva 2007).

Somado aos significados simbólicos e socioculturais que essas áreas de possam ter para análise dos caminhos te antanho, não pode ser deixado de lado um recurso vital para essa região: a disponibilidade de água. Isso porque, essa região, de clima quente, seco e semi-árido, passa por períodos de seca que impedem a existência de cursos de águas perenes, quando até mesmo os rios de maior porte secam. Essa situação não acontece somente em tempo recente. Ela também se processou, com algumas variações de intensidade, em períodos ao longo de todo o quaternário.

Sabe-se de locais com tanques naturais onde esse precioso recurso demora mais tempo para secar e que as pesquisas arqueológicas já revelaram serem pontos de atração humana e animal de recuada data (Santos Junior 2005 e 2007). Contudo, existem outros pontos onde esse recurso está presente: são os poços naturais, também conhecidos como cacimbas.

LEGENDA: OLHO D`ÁGUA EM CERRO CORÁ

LEGENDA: TANQUES NATURAIS EM CERRO CORÁ

No transcorrer dos mapeamentos de campo da pesquisa de Morales, Sousa Neto & Viva (2007), identificou-se um dos principais deles: o da comunidade Olho D´água, em Cerro Cora. Segundo a lembrança dos moradores antigos que residem ao seu redor, esse olho de água não secou nem mesmo nos períodos das piores estiagens. Eles revelaram também que nos períodos das grandes secas históricas moradores de um raio de pelo menos 20km vieram em busca de água e, apesar da retirada constante do líquido, seu nível pouco se altera. Em nosso entendimento, esse olho de água localizado no transcorrer da pesquisa deve ser visto não só como um ponto de atração. Ele deve ser entendido em um contexto maior de circulação humana e inserido em uma malha de contexto simbólico mais abrangente.

Assim, para essa região, as análises de uso e ocupação do espaço dentro do viés da Arqueologia da Paisagem, devem ser pensados cenários pretéritos onde estejam inseridos marcos da paisagem como a serra de Santana, o morro Cabuji, o mirante, as gargantas de São José da Passagem e de Florânia, os tanques de água e os olhos de água. Esses elementos são os pontos de partida para o entendimento da circulação humana, da presença dos assentamentos e da teia simbólica das populações humanas que percorreram esses trechos quentes e semi-áridos desde tempos imemoriais.

Agradecimentos

Agradecemos aos arqueólogos Daniel Bertrand, Luiz Dutra de Sousa Neto, Valdeci Santos Junior e ao técnico em arqueologia Gilson Luis da Silva pelas valiosas informações disponibilizadas em campo e gabinete sobre a região arqueológica de Santana, Rio Grande do Norte. Somos gratos também ao sociólogo Edison Rodrigues pelos comentários e sugestões.

Bibliografia

BILLMAN, Brian; FEINMAN, Gary.
1999 *Settlement Pattern studies in the Americas. Fifty years since Virú.* Washington: Smithsonian Inst. Press.

BINFORD, Lewis.
1982 The Archaeology of Place. *Journal of Anthropological Archaeology*, 1 (1): 5-31.
1983 *In pursuit of the past: decoding the archaeological record*. Londres: Thames and Hudson.

CLARKE, David.
1977 *Spatial archaeology*. London: Academic Press.

CHANG. Kwang-chi.
1972 *Settlement patterns in archaeology*. Addison-Wesley, Module in anthropology, 24:1-26.

DINCAUZE, Dena.
2000 *Environmental archaeology. Principles and practice*. Cambridge: Cambridge University Press.

FLANNERY, Kent.
1976 The village and its catchment area. K.V. Flannery (Ed.); *The early mesoamerican village*: 34-47. New York: Academic Press.

GORENFLO, Larry; GALE, Nathan.
1990 Mapping regional settlement in information space. *Journal of Anthropological Archaeology*, 9: 240-274.

GUMMERMAN George.
1971 The distribuition of prehistoric population aggregates. Proceedings of the Southwestern anthropological research group. *Anthropological reports 1*, Arizona: Prescott College.

HODDER, Ian.
1986. *Archaeological Review from Cambridge* 5:113-119.

HODDER, Ian.; ORTON, C.
1990 *Análisis espacial en arqueología*. Barcelona: Editorial crítica.

JOHNSON, Amy.
1977 Aspects of regional analysis in archaeology. *Annual Review of Anthropology,* 6: 479-508.

KROLL, Ellen; PRICE, Douglas. (Eds.)
1991 *The interpretation of archaeological spatial patterning*. New York & London: Plenum Press.

LAROCHE. Armand François Gaston.
1983 *Sugestões para um modelo de primeira abordagem a uma análise interpretativa de uma coleção de artefatos líticos: estudos sobre artefatos líticos procedentes do sítio arqueológico Bom Sucesso (Riacho da Volta) – Angicos (RN)*, Natal, Museu Câmara Cascudo, UFRN, Suplemento de Arqueologia 13 nº 15.

MARTIN, Gabriela.

1996 *Pré-História do Nordeste do Brasil.* Recife: Editora da UFPE.

MORALES, Walter Fagundes.

2005 "*12.000 anos de ocupação: um estudo de ocupação regional na Bacia do Córrego Água Fria, médio curso do Rio Tocantins*". Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

MORALES, Walter Fagundes. SOUSA NETO, Luiz. & VIVA, Luiz Augusto Viva

2007a *Programa de Levantamento Arqueológico da Linha de Transmissão 230 kv Paraíso-Açu, Circuito 2, Etapa 1, Alternativa , 2 e 3*. Arqueologia Brasil: Projetos, Pesquisas e Planejamento Cultural e Arqueológico (mimeo).

MORALES, Walter Fagundes, MOI, Prado Flavia.

2007 *Considerações iniciais sobre as ocupações pretéritas da área de implantação das linhas de transmissão paraíso-açu: modelos de uso e circulação humana ao longo do tempo*. Arqueologia Brasil: Projetos, Pesquisas e Planejamento Cultural e Arqueológico (mimeo).

PLOG, Fred; HILL, James.

1971 Explaining variability in the distribution of sites. J.G. Gummerman (Ed.); *The distribution of prehistoric population aggregates*. Anthropological Reports, Arizona, Prescott College, 1: 7-36.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul.

1996 *Archaeology: theories, methods, and practice*. London and New York: Thames & Hudson.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika. MORALES, Fagundes Walter & NASCIMENTO, Luiz Augusto Viva

2004a *Programa de Prospecção e Resgate Arqueológico do Patrimônio Arqueológico – Linha de Distribuição 69 Kv Governador Dix-Sept Rosado/ Riacho da Forquilha, Rio Grande do Norte*. Documento Antropologia e Arqueologia Ltda (mimeo).

2004b *Programa de Prospecção e Resgate Arqueológico do Patrimônio Arqueológico – Linha de Distribuição 138 Kv Assu/Guamaré, Rio Grande do Norte.* Documento Antropologia e Arqueologia Ltda (mimeo).

ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika, SOUSA Neto, Luiz. & MORALES, Fagundes Walter.

2005 *Programa de Prospecção e Resgate Arqueológico – Linha de Distribuição Assu/Guamaré, - Circuito 2, Rio Grande do Norte*. Documento Antropologia e Arqueologia Ltda (mimeo).

ROSSIGNOL, Jaqueline; WANDSNIDER, Luann.

1992 *Space, time and archaeological landscapes*. New York: Plenum Press.

SANTOS JUNIOR, Valdeci.

2005 *Registros Rupestres da Área Arqueologíca de Santana (RN). Dissertação de mestrado*. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia – Conservação do Patrimônio, Recife.

SANTOS JUNIOR, Valdeci, PORPINO, Kleberson de Oliveira, SILVA, Abrahão Sanderson

2007 A megafauna extinta e os artefatos culturais de um tanque natural na região central do Rio Grande do Norte. In: Anais do I congresso internacional de arqueologia transatlântica, XIV encontro da SAB, setembro/outubro.

SOUSA NETO, Luiz Dutra & BERTRAND, Daniel

2005 *Mapeamento dos sítios arqueológico do município de Florânia*. Mneme – Revista de Humanidades V.7, n. 15, abr./maio 2005 Disponível em ttp://www.seol.com.br/mneme

THOMAS, James.

2001 Archaeologies of places and landscape. I. Hodder (Ed.); *Archaeological theory today*. Cambridge, MPG Books: 165-186.

TOREN, Christina.

1995 Seeing the ancestral sites: transformations in Fijiian notions of the land. E. Hirsch & M. O'Hanlon (Eds.); *The anthropology of landscape*. Oxford, Oxford University Press: 163-183.

WILLEY, Gordon.

1953 Prehistoric settlement patterns in the Viru Valley, Peru. *Bulletin 155, Bureau of American Ethnology*, Washington, Smithsonian Inst.: 8-15.

WINTERS, Richard.

1968 *The riverton culture: a 2nd millennium occupation in the Central Wabash Valley.* Springfield: Illinois State Museum.

This document was created with Win2PDF available at http://www.win2pdf.com.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.